INSTITUTUM SAPIENTIAE
ORDINIS CANONICORUM REGULARIUM SANTAE CRUCIS
CURSUS PHILOSOPHIAE

WANDERSON DA SILVA REIS

A HIPÓTESE SAPIR-WHORF DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO COM ENFOQUE EM EDWARD SAPIR

ANÁPOLIS-GO

2018

WANDERSON DA SILVA REIS

A HIPÓTESE SAPIR-WHORF DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO COM ENFOQUE EM EDWARD SAPIR

Trabalho apresentado no seminário de Filosofia da Linguagem sob orientação do Prof. Dr. Pe. Titus Kieninger, ORC.

ANÁPOLIS-GO

2018

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....4

2 A HIPÓTESE DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO.....5

2.1 VIDA DOS AUTORES QUE INTITULAM A HIPÓTESE.....5

2.1.1 Edward Sapir.....5

2.1.2 Benjamin Lee Whorf.....5

2.2 HIPÓTESE SAPIR-WHORF.....6

2.2.1 Hipótese em Edward Sapir.....6

2.2.1.1 Língua 6

2.2.1.2 Pensamento.....8

2.2.1.3 Cultura.....8

2.2.1.4 Relativismo.....9

2.2.2 Visão geral da Hipótese Sapir-Whorf.....10

3 DISCUSSÃO CONTRA A HIPÓTESE.....12

3.1 A OBJETIVIDADE DOS CONCEITOS.....12
3.1.1 Verdade.....12
3.1.2 Linguagem.....12
3.1.3 Cultura.....12
3.2 CONFRONTAÇÃO A HIPÓTESE SAPIR-WHORF.....13
3.2.1 As limitações das traduções 13
3.2.1.1 Dificuldades das traduções.....13
3.2.1.2 Possibilidade de traduções.....15
3.2.2 Falta de metafísica na Hipótese Sapir-Whorf.....18
3.2.2.1 Possibilidade dos universais.....18
3.2.2.2 Objetividade do processo do conhecimento.....20
4 CONCLUSÃO.....21

1 INTRODUÇÃO

Wittgenstein questiona em seu Tractatus, se “Os limites de minha linguagem são os limites do meu próprio mundo?”[1] (AUROUX, 1998, p. 191), sendo que está também foi a pergunta que levou a elaboração de um hipótese no campo da Linguística.

O escopo deste trabalho

....[2]

[1] S. AUROUX. *A filosofia da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 191.
[2] A. P. CUNHA. *A emergência do Relativismo Linguístico em Edward Sapir (1884-1939).* São Paulo: USP, 2012 (Será citado ou referido com a letra C).

2 A HIPÓTESE DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO

A hipótese do relativismo linguístico ficou conhecida no mundo como "*Sapir-Whorf hypotesis"*, termo este elaborado por Harry Hoijer (1904-1972), que apresenta um trabalho intituldo "*Sapir-Whorf hipothesis*" no ano de 1954, assim não foram Sapir e a Whorf que desenvolveram a hipótese pois ela é póstuma a eles, e o título se dá como homenagem as ideias que Harry usou destes dois linguistas.

2.1 VIDA DOS AUTORES QUE INTITULAM A HIPÓTESE

2.1.1 EDWARD SAPIR

Edward Sapir nasceu em 26 de janeiro de 1884, na cidade de Lauenburg, antiga Pomerânia (atualmente está situada na Polônia), em uma família de judeus-lituanos. O ano de 1888 é marcado pelo êxodo da família, da terra natal de Sapir, passando pela Inglaterra e chegando aos Estados Unidos em 1890, lugar onde fixará suas raízes.

Se bacharelou em Filologia, em 1904 pela *Columbia University*. Em sua carreira profissional leciona em várias faculdades, realiza vários projetos a respeito das línguas norte americanas. Em 1931 parte, para a Universidade de Yale, concretizando neste período de permanência a fundação da primeira escola de Linguística daquele lugar. Ali permanece até a sua morte em 04 de fevereiro de 1939. Dentre seus principais trabalhos se destaca, *Manual of Language* (1921). Sapir pode ser descrito como alguém que quis resgatar o que muito é deixado de lado dos povos nativos.

2.1.2 BENJAMIN LEE WHORF

Benjamin Lee Whorf nasceu em 26 de abril de 1897 em Winthrop, Massachusetts nos Estados Unidos. Estudou química no MTI, e depois iniciou uma carreira como inspetor de incêndios para companhia de

segurança. 1928 inicia os cursos com Edward Sapir, e com isto em 1938 vai estudar os Hopis (que será fonte essencial para o desenvolvimento de suas ideias).

A paixão pela linguística vem surge quando ele estudou e traduziu uma bíblia hebraica, fazendo com que ele comece a estudar linguística com Edward Sapir na universidade de Yale. Morreu em 26 de julho de 1941. Sua carreira pode ser descrita como um pesquisador dos astecas do México e dos Hopis do Arizona. Sua principal obra é *Language, Thought and Reality Dta.*

2.2 HIPÓTESE SAPIR-WHORF

A ideia do Relativismo Linguístico inicia no século XX, que é considerado o berço da análise linguística, pelo fato de que vários estudiosos abandonam o estudo sistemático e objetivo da realidade como tal, e partem para análise da língua que é um fator predominante no homem.

O estudo da língua não é algo atual, afinal já Aristóteles "concebe a linguagem como instrumento do pensamento, e dado que o pensamento retorna as coisas, também a linguagem tem em última análise, a função de representar as coisas."[3] Este desejo do estudo da linguagem como tal, foi o *ódos* seguido por Sapir e Whorf, que desejavam mostrar como a linguagem está ligada ao homem, no entanto os modos por eles apresentados vão além da objetividade.

2.2.1 HIPÓTESE EM EDWARD SAPIR

A hipótese do relativismo linguístico foi elaborada após a morte de Sapir, no entanto muito foi extraído de seus escritos que fornecem termos e ideias para a construção desta corrente de pensamento. A abordagem de Sapir gira em torna de três conceitos que estão em constante relação para ele: língua, pensamento e cultura (fatores intimamente ligados).

2.2.1.1 Língua

Nos escritos de Sapir não se vê uma distinção de língua para linguagem. Em toda a sua abordagem, apresenta a língua como o fator que diferencia o homem dos demais animais, que por natureza não emite fala, mas ruídos, grunhidos, mugidos, entre outros, sendo a fala faculdade humana, seja do britânico citadino ao selvagem da América e Oceania. Assim dentro desta esfera nota-se que a existência da língua está presente no indivíduo independente do seu avanço, como também a cultura e o pensamento:

[3] B. MONDIN. *O homem, quem é ele?*: Elementos de Antropologia filosófica. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 133.

> Talvez nenhuma única característica tão marcante retire o homem do resto do mundo animal, como o dom da fala que só ele possui. Nenhuma comunidade de seres humanos normais, seja seu avanço cultura leve, ainda não foi encontrada, ou será suscetível de ser encontrada, que não se comunique entre si por meio de um complexo sistema de símbolos sonoros, em outras palavras, que não fazem uso de uma língua falada definitivamente organizada. (SAPIR, in: Cunha, p. 110)

O ser humano difere dos demais animais por possuir o dom da fala, no entanto as capacidades próprias vão mais além, tendo a potência de fazer uso de "um sistema complexo de símbolos sonoros, isto é, uma linguagem oral organizada" (C 110), ou seja, o indivíduo uso do processo de comunicação para a interação social. Com isto, no pensamento de Sapir, a língua é o meio pelo qual um indivíduo comum se torna ser humano, pois somente por meio dela que alguém se insere como membro de uma comunidade, afinal para viver em sociedade é terminante necessário a comunicação,[4] A capacidade de fala que cada um possui não está necessariamente ligado predestinação, mas sim pela pertença num grupo que contribui para que o homem desenvolva esta prática.

A diferença linguística não é algo apenas entre indivíduos estrangeiros, no entanto é algo presente mesmo entre aqueles que comuniquem a própria língua, por que o estilo que cada um faz uso de enunciados é único. A linguagem é individual pois o estilo é único, seja fonético-fonologicamente (cada um possui diferenças na fonação, entoação e velocidade quando fala) e gramaticalmente (construção das frases e seleção de palavras a serem usadas). A forma pessoal faz a comunicação individual ser única e diferente das demais, pois "apesar do fato de a linguagem atuar como uma força de socialização e uniformização, ela é ao mesmo tempo o mais potente fator conhecido da individualidade." (SAPIR, in: Cunha, p. 112)

O ato de falar é visto como adquirido culturalmente não sendo simplesmente, como se locomover e alimentar que fazem parte das funções instintivas, que são puramente de natureza orgânica: "Caminhar

[4] Cf. C 111.

é um produto orgânico, uma função instintiva (não, é claro, em si, um instinto); a fala é uma função cultural não instintiva, adquirida.” (SAPIR, in: Cunha, p. 114) Assim pode-se declarar que o homem somente por meio do contato com tradições, pessoas, costumes é que irá levá-lo a desenvolver a capacidade de fala, e o não contato com humanos em uma cultural não possibilitará esta capacidade, própria da natureza humana, e ato de comunicar serve para que o indivíduo comunique e compartilhe as suas ideias.

2.2.1.2 Pensamento

O pensamento “é uma forma de comunicação pelo qual transmite-se a mensagem a nós mesmos, sem a necessidade de utilização de sons. Esta maneira de comunicação (o pensamento) é somente possibilitado pela língua, e portanto por esta está permeado.” (C 124) Considerando que quando não se possui o domínio de uma língua não é capaz de pensar, pois ambos estão intimamente vinculados, e “a língua é a expressão do pensamento, e por sua vez, é o *modus operandi* da língua” (C 138).

Na obra *Language*, Sapir faz uma relação entre língua e pensamento, demonstrando que ele sempre faz uso da linguagem que é o instrumento que se serve para a expressão, e é por meio dele também, que o ser humano faz recurso da língua, que por sua vez é pensada para a expressão, demostrando bem claro quando ele diz que “o produto (pensamento), cresce com outras palavras, com o instrumento (língua), e o não pode ser mais concebível na sua gênese e na prática diária sem a fala”. (C 140)

O único jeito de alguém chegar ao pensamento é por meio da língua, afinal se qualquer indivíduo abrir um crânio para tentar chegar ao pensamento da pessoa será uma tentativa e vão, pois, o intelecto não está ligado aos órgãos do corpo, mas as potências da alma.[5] Ficando claro que somente por meio da língua que poderá observar o pensamento em ação. “Uma vez mais, a língua, como estrutura, é na sua face interior o molde

[5] Cf. C 140

do pensamento" (SAPIR, in: Cunha, p. 141), e as capacidades avançadas no homem só terão sentido se estiverem ligadas a linguagem.

2.2.1.3 Cultura

Sapir possui um trabalho relacionado a cultura, intitulado: *Culture, genuine and spurious* (1949), apresentando por meio deste, a sua própria definição de cultura, "acredita que a cultura não é um fenômeno apenas social ou individual, uma vez que esta pode ser vista como o conjunto de práticas relacionadas aos interesses e desejos que tomam por ponto de partida o indivíduo enquanto agente no grupo social." (C 147) A cultura é algo que existe por causa do homem, assim ela está ligada intrinsicamente a ele que é o desenvolvedor dela. Toda a vida social do homem é permeada por manifestações culturais.

Para Sapir a "língua não existe separada da cultura, isto é, do conjunto socialmente herdado de práticas que determinam a textura de nossas vidas"[6] Com isto traz-se à tona novamente o fato de que a língua é um fato cultural, pois não há dúvidas que ela seja herdada de homens que antecedem o indivíduo em questão. A língua também é considerada algo determinista, pois nos atos humanos e sociais ela sempre está presente. Práticas como: alimentação, religião, vestuário e muitos outros são consequências linguísticas deterministas, e pode ser observado muito bem hoje, em uma análise do homem ocidental para o oriental, que comungam diferentes culturas e modos de vida.[7]

Sapir entende a cultural como sinônimo de herança cultural, compreendendo que sempre:

> [...] encorpora qualquer elemento socialmente herdado, na vida do homem, material e espiritual, e que é coincidente com o próprio homem, até mesmo para a vida mais humilde e selvagem, em um universo social, caracterizado por uma complexa rede de hábitos tradicionalmente conservados, usos e atitudes. (SAPIR, in: Cunha, p. 149.)

[6] (Sapir 1921: 170-171). Olhar a p no artigo
[7] Cf. C 148.

Assim cada agrupamento humano é fruto de heranças históricas e culturais, se o homem civilizado europeu ou o nativo Americano, pois todo homem de onde quer que seja é dotado de cultura, independente se os outros a conhecem ou não, ele carrega essa herança dentro de si.[8]

No processo de desenvolvimento lexical das palavras, exige-se uma determinada estrutura gramatical e também uma aceitação do outro que acolhe. Na construção do léxico de uma língua sempre deve ser tomado em consideração indivíduos dela presente e atuantes, pois o modo como se emprega a língua "reflete o ambiente físico e social dos falantes." (SAPIR, in: Cunha, p. 162.)

2.2.1.4 Relativismo

Sapir em seus escritos apresenta várias vezes a palavra relativismo, e como os seus estudos são totalmente voltados para a língua, "considera a língua como parte de uma realidade social, assim como o pensamento também é, e que devem, portanto, ser estudados (língua e pensamento) em sua totalidade, sempre inseridos neste contexto (realidade social)." (C 170) O ser humano pelo fato de existir, é inserido em uma realidade social que está acima da realidade objetiva, pois a sua vida social está totalmente ligada a características linguísticas[9], podendo considerar que a língua é um fator determinante, pois ela sempre é tomada de modo primário no processo compreensivo e expressivo.

A realidade objetiva é apenas um ideal, afinal o que os seres humanos vivem é sempre uma realidade social, que é medida pela cultura, podendo compreender que a suposta realidade objetiva que as pessoas consideram não passa de realidade social na experiência humana.[10] E o modo para chegar a compreensão da realidade de um povo devem provir do estudo da sua língua e também do modo como se comunicam. O indivíduo pode sempre expressar qualquer coisa, pois

[8] Cf. C 154.
[9] Cf. C 170.
[10] Cf. C 170.

independente do sistema linguístico que possui, sempre pode ter capacidade de expressão.

2.2.2 VISÃO GERAL DA HIPÓTESE SAPIR-WHORF

A hipótese leva este nome por ter sido estes dois homens que cederam ideias e textos para sua elaboração, que é posterior a vida de cada um. Um texto retirado de Sapir apresenta bem a ideia defendida pela hipótese:

> A língua é um guia para a realidade social [...]. Os seres humanos não vivem no mundo objetivo por si só, nem apenas no mundo de atividade social, como comumente entendido, mas estão muito a mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É bem uma ilusão imaginar que alguém ajuste a realidade essencial sem o uso da língua e que a língua seja apenas um meio incidental de resolver os problemas específicos de comunicação e reflexão. O fato da questão é que o mundo real é, em grande medida, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo. Não há duas línguas que sejam sempre suficientes semelhantes para serem consideradas como representando a mesma realidade social. Os mundos em que diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não apenas o mundo mesmo com rótulos diferentemente anexados. (SAPIR, in: Cunha, p. 169, grifos nossos)

Esta citação serviu de base para Whorf, que posterior a Sapir, defende com unhas e dentes esta visão relativa com relação a língua que molda o pensamento, influenciado pela cultura.

A Hipótese Sapir-Whorf pode ser entendida sob dois aspectos que ao longo do tempo foram a ela atribuídos, são conhecidas como a visão forte (no sentido determinista) e visão fraca (como aquela que influencia). Na Forte o que se tem, é que uma certa língua determina as representações do indivíduo que fala aquela língua, podendo considerar que os indivíduos irão sempre construir as suas representações por meio da estrutura de tal língua. Tendo assim que, sempre a língua irá determinar a visão que se tem do mundo e também existe muitas representações que o indivíduo não pode ter acesso, pois elas não podem

ser construídas na língua da qual ele fala (aqui pode notar um extremismo por se tratar de determinação). Já na visão mais fraca o indivíduo que fala uma língua recebe influências desta, na relação que ele tem com o mundo, assim de certo sentido o indivíduo deixa se influenciar sendo guiado pela língua.[11] O que muitos deterministas afirmam, é que muitas coisas só podem ser exprimidas na língua original que está comunicando, e caso outrem, tente traduzir, será algo impossível, logo não existe possibilidades de querer expressar o que é próprio de uma língua em outra. A língua é um fator determinante da sociedade da qual ela é expressa.[12]

Cada sociedade é única, e possui dentro dela uma cultura que é pessoal e também única, não sendo necessário fazer parte de uma ou outra específica, pois todas as comunidades culturais possuem o seu valor. E como a língua é um fato cultural nenhuma fica sem tê-la, pois, todos comunicam. E esta individualidade linguística é vista pois:

> Cada língua é um vasto sistema de estruturas diferente dos outros, no qual existe uma ordem cultural das formas e categorias que não somente permite ao indivíduo comunicar, mas igualmente analisa o real, corrige ou negligencia tipos de relação e de fenômenos, canaliza seu raciocínio e demarca pouco a pouco o campo da sua consciência.[13]

Com isto o que se percebe é que o objetivo da hipótese é dar o máximo de consideração a individualidade linguística de um povo, no entanto os extremos por ela percorridos demostra problemas em muitos campos da realidade que é considerada em si mesma objetiva.

3 DISCUSSÃO CONTRA A HIPÓTESE

“Tanto no Oriente como no Ocidente, é possível entrever um caminho que, ao longo dos séculos, levou a humanidade a encontrar-se progressivamente com a verdade e a conformar-se com ela.” (JOÃO

---

[11] Cf. Auroux p. olhar
[12] Cf. C 148
[13] (WHORF, 1969 apud AUROUX, p. 193).

PAULO II, 1998, p. 5)[14] O homem foi criado para verdade, e somente quando contempla a realidade objetiva, é que irá serenar e saciar a sua sede de conhecimento.

3.1 A OBJETIVIDADE DOS CONCEITOS

3.1.1 Verdade

Santo Tomás de Aquino define verdade como: "*Veritas est adaequatio rei et intellectus*"[15] verdade é a adequação entre coisa e intelecto. A verdade é uma propriedade do ser, uma realidade transcendental, algo ontológico a ele.

Quando uma inteligência de uma criatura quer buscar a verdade, procura o ser que intrinsecamente é verdadeiro. E a busca do intelecto pela verdade resume no que Aristóteles afirma "o que é verdadeiro é o bem do intelecto"[16].

3.1.2 Linguagem

A linguagem pode ser entendida como "complexo de sinais orais e audíveis de que a humanidade se serve para se representar e comunicar ideias."[17] Contudo, fica claro que a linguagem é emprego de sinais que expressam o pensamento, ou seja, o modo como o indivíduo comunica, e a forma de exteriorizar o que está internamente.

3.1.3 Cultura

Cultura significa "a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento", e em segundo sentido, significa "o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam

---

[14] JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica* Fides et Ratio*:* Sobre as relações entre fé e razão. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998, n. 1.
[15] TOMAS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Ed. São P... Loy.., 2009, p. I, q. 16, a. 1.
[16] (VI Ética 2,1139; Cmt 2, 1130).
[17] E. CRUZ,. *Compêndio de Filosofia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Globo, 1946, p.

ser indicados pelo nome de civilização” [18] No pensamento grego cultura está relacionado a *paidéia,* que significa a educação do homem[19], afinal a cultura como meio social tem o intuito de tornar o homem educado, ou seja, civilizado.

3.2 CONFRONTAÇÃO A HIPÓTESE SAPIR-WHORF

A partir da Hipótese Sapir-Whorf do Relativismo Linguístico, várias partes de sua doutrina podem ser refutados, e por meio destas refutações se observa os danos que esta corrente pode causar, ao ser tomada ao pé da letra. Consideremos duas áreas, o fato das traduções e a base da realidade no nível ontológico ou da natureza.

3.2.1 AS LIMITAÇÕES DAS TRADUÇÕES

O ser humano comunica cada um a seu modo usado o recurso vocal, utilizando um idioma específico para a expressão. No entanto a hipótese em questão afirma que os sentidos das palavras de uma língua para outra são diferentes, pelo fato de que, culturas opostas possuem características próprias que irão desencadear na língua. Portanto os sentidos das palavras na visão da hipótese são diferentes, e ao falar de tradução para seus causídicos, tornará uma coisa utópica, pois em cada grupo de indivíduos as unidades de sentidos e compreensão serão diferentes, havendo impossibilidade de tradução.

3.2.1.1 Dificuldades das traduções

Tradução pode ser entendida como “designação idêntica por meio de significados em princípios diferentes”[20], deste modo sempre quando se traduz algo a intenção principal deve partir da comunicação de uma ideia

---

[18] N. ABBAGNANO. *Dicionário de filosofia.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 225.
[19] Cf. N. ABBAGNANO. *Dicionário de filosofia.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 225.
[20] E. COSERIU. O homem e sua linguagem. Rio de Janeiro: Presença, 1982, p. 163.

até então desconhecida. O que não pode deixar de considerar em uma tradução é que expressar a ideia descrita o mais fiel possível é algo indubitável.

A tradução na maioria das vezes está relacionada a transcrição que é o sentido de sua essência, pois o seu desejo e o de tornar conhecido o desconhecido com palavras acessíveis para a compreensão. Este é o ponto contestado pela Hipótese Sapir-Whorf, pois traduzir requer contato e vivência com o povo que tem o seu linguajar traduzido, pois a língua "não existe separada da cultura" (SAPIR, in: Cunha, p. 148), sendo-a um fato cultural, para a tradução requer enculturação linguística, para que se possa compreender a intenção que teve o comunicante em fazer uso de tais palavras como expressão de ideias.

O problema inicial da tradução parte do pressuposto no que diz respeito a relação da língua de partida à língua de chegada e do modo do qual foi feito a tradução, pois muitos consideram que "os conteúdos expressos pelas diferentes línguas seriam simplesmente os mesmos, de maneira, que a tradução equivaleria a uma substituição no plano da expressão"[21], porém o que acontece nem sempre parte deste intento. Nos conteúdos diversos de uma língua, a não ser os que são técnicos, podem não encaixar como desejado no momento da tradução, tendo apenas em certas ocasiões apenas semelhanças ou uma certa correspondência de alguns conceitos de uma língua para a outra, mas também pode existir a não correspondência, quando se deseja traduzir alguma palavra isolada de uma língua para a outra, e a língua a ser traduzida não possui um significado real para o conceito desejado, em relação ao ponto de partida da palavra.

Sapir quando diz que a língua é um fato cultural e que conhecer a cultural do povo ao qual deseja-se traduzir é necessário, demostra-se correto, pois muitas expressões são próprias de um povo, marcando sua identidade, e traduzir por traduzir sem conhecer o contexto e o uso prático de tais expressões ao serem utilizadas, pode não mostrar real entendimento ao qual a língua de partida deseja. Isto fica bem claro

[21] E. COSERIU. O homem e sua linguagem. Rio de Janeiro: Presença, 1982, p. 156-157.

quando se trata de ditados populares, mas estas particularidades linguísticas não se resumem apenas a eles, que é bem típico de um povo, e que ao serem apresentados aos estrangeiros, demostra dificuldades na sua compreensão (sendo alguns casos possíveis de entender).

No português o ditado popular, “pensando na morte da bezerra”, traduziria literalmente para o espanhol por *pensando En la muerte de beterra*, só que os falantes desta língua não entenderiam com esta tradução, mas se for *pensando En las estrellas* irá entender o mesmo que um português; diferente do alemão que seria *An einen berg von kâlben denben*, que não faria nenhum sentido para quem é da língua germânica; e no inglês traduziria literalmente por *thinking about the death of the calf*, no entanto não fara sentido para o falante, mas ao contrário se for *he has his head in the clauds*, emitiria sentido. O ditado “lágrimas de crocodilo” ao ser traduzido para o alemão ficará, *Krokodilstränem*, enquanto no espanhol Lagrimas de crocodilo, no inglês *crocodile tears*, possuirão o mesmo sentido quando utilizados na língua portuguesa. Contudo mesmo em alguns casos em que o significado dos ditados e expressões são semelhantes ou iguais em culturas diferentes, ainda não perde a característica própria, do modo de emprego, a formação ao longo do tempo do termo, ou seja, está muito ligado a cultura, assim para entender determinadas coisas é preciso enculturação. Quando se traduz requer por parte de ambas as línguas um certo conhecimento da realidade de onde parte, para onde desloca, porque nem sempre os fatos a se designar já possuem significados na língua que será chegada, assim faz-se necessário relações entre duas para poder chegar ao menos em termos análogos, para uma compreensão, pelo fato de não possuir termos específicos e claros para determinado fato, demostrando assim o quão difícil é para os tradutores partir deste plano em que a cultura significa muito no processo humano.

3.2.1.2 Possibilidade de traduções

Contudo nem sempre a tradução é algo totalmente ligada à cultura, pois no seu sentido próprio, o seu propósito é o de sempre reproduzir uma designação de uma língua, sem perder o sentido do qual foi empregado. Assim afirmar em sentido absoluto que toda tradução é uma traição torna-se algo errôneo, por que isto levaria a um certo ceticismo, no sentido que duvida de tudo o que não é expressão própria, chegando a considerar que ideias elaboradas de pessoas distintas de sua própria língua são falácias. Porém na visão realista não se deve considerar absolutamente as afirmações desta hipótese. No ato da tradução o tradutor procede "semasiologicamente (ao identificar o que o texto original designa) e depois onomasiologicamente (ao buscar o que corresponde à mesma designação em outra língua)"[22]. A expressão desejada de tradução se dá através dos significados, que são chaves para identificar fatos do qual se teve contato, logo o conteúdo que é comunicado consta de designação (meio utilizado para traduzir) e sentido (que expressa a ideia da qual se partiu).[23]

Com isto teorias modernas foram sendo elaboradas a respeito da tradução devidos estas várias complicações, e concluíram que no ato da tradução não se deve ficar em tradução de palavras, pois "as palavras não se traduzem, tampouco se traduzem as construções e as frases"[24], pois é no ajuntamento de palavras que se vê significados, logo ficar apenas traduzindo uma ou outra palavra isolada não exprime ideia, mas traduzir as construções que foram feitas pelo uso destas. Dizer que a tradução é impossível em uma língua, acontece quando de modo algum dentro do vastíssimo plano linguístico não encontre nenhum significado para a palavra a ser traduzida, pois dentro das expressões reais que se tem, aquelas a serem traduzidas não fazem parte do comum empregado, sendo este o sentido próprio de uma impossibilidade, porém o que se contesta nas diversas línguas, e que pela sua extensão gramatical muito se tem para usar nas designações.

---

[22] Ibid., p. 160.
[23] Cf. p. 160.
[24] Ibid., p. 158.

O que acontece muitas vezes nos problemas da tradução tem a ver com a designação e o sentido[25], que por sua vez ligam-se a cultura que tanto é tratada na hipótese como fator importante. Em alguns casos o que se deseja traduzir possui valores simbólicos em si, no entanto estes valores são diferentes de uma língua para a outra, e ao serem usados em qualquer construção gramatical, carregam consigo não apenas função comum de designação, mas símbolos específicos. Um exemplo disto se nota em comunidades que o luto é associado ao preto (mais comum) e o branco a alegria e a paz, mas em alguns lugares esta determinação é o contrário[26]. Em casos como este o tradutor

> deverá decidir-se pelo sentido ou pela designação. Se quer conservar o sentido, terá que mudar a designação; se, ao contrário, quer conservar a designação, terá que indicar, eventualmente fora da própria tradução (por exemplo, numa nota de rodapé ou num comentário explicativo), que a mesma designação implica um sentido diferente na comunidade linguística a que corresponde ao texto original.[27]

Atualmente muitos obstáculos são apresentados sobre traduções, desembocando em várias discussões, referindo a sua impossibilidade. Assim é preciso distinguir acerca da tradução, pois negar que ela pode ser feita como tal é um erro, devido tantos *ipsis litteris* que se tem, expressando perfeitamente ideias iguais de uma língua a outra. E também é preciso distinguir entre "a tradução como atividade técnica relativa as línguas como sistemas de signos já dados, tradução que chamaremos convencionalmente transposição, e a atividade real dos tradutores, chamada às vezes também tradução como arte e que doravante chamaremos traduzir"[28]. Esta transposição tem o objetivo de mostrar as equivalências entre significados diferentes nas línguas; enquanto o traduzir não se resume apenas em um transpor, mas sim em fazer com que determinadas línguas também tenham tradução, vencendo

---

[25] Ver no Coseriu
[26] Cf. Ibid., 165
[27] Ibid., p. 165.
[28] Ibid., p. 168.

o que dela afirmam como intraduzível.[29] No momento deste 'traduzir' pode-se perceber a "criação de equivalências (isto é, de novos significados e de novas expressões na língua de chegada), adoção, adaptação, explicação analítica de significados da língua de partida" (Coseriu p168-169)[30]. A tradução consegue superar os limites empíricos, mostrando que a finalidade de um texto é a transmissão de sentido.

No decorrer do tempo a tradução foi ganhando sentidos e se aperfeiçoando. Para São Jerônimo a tradução deve-se basear em sua sustentação que deve basear no "*sensum de sensu* (traduzir sentido por sentido)", pois para ele o que está contido na Sagrada Escritura possui "*ubi et verborum ordo mysterium est* (onde até a ordem das palavras é um mistério) e onde, portanto se deve traduzir palavra por palavra"[31]. Na Sagrada Escritura a tradução é objetiva e como tal por tratar de verdades perenes e objetivas.

O que muitas vezes o acolhedor de uma tradução pode e até mesmo deve fazer, é contestar o que para ele foi traduzido, de modo que busque verificar se realmente a tradução que foi feita corresponde realmente ao texto original. Para a análise ser profícua, o contestador (não no sentido de destruir mas de aprofundar no que lhe é apresentado) deve conhecer ao mesmo o básico da língua de partida, para assim relacioná-la a de chegada, observando a etimologia das palavras que foram traduzidas para se chegar aos significados; conhecer bem a sua própria língua, observando a gramatica da qual se detém; buscar comparar traduções de textos iguais, mas feitas por tradutores diferentes, pois muitas vezes as diferenças são grandes, e por meio da comparação poder chegar o que antes já dito que é a etimologia; sempre buscar tradutores comprometidos com a realidade objetiva. Assim o acolhedor terá mais segurança ao depara com uma tradução. Possui necessidade?

Na tradução deve sempre considerar o texto original e o destinatário para o qual faz-se o recurso, pois ao dirigir a um destinatário se tem uma finalidade própria, com isto "a melhor tradução absoluta de

[29] Cf. Ibid., p. 165
[30] (Coseriu p168-169)
[31] (Coseriu p170

um texto qualquer simplesmente não existe: só pode existir a melhor tradução de tal texto para estes ou aqueles destinatários, para estes e aqueles fins e nesta e naquela situação histórica”[32]

3.2.2 Falta de metafísica na Hipótese Sapir-Whorf

3.2.2.1 Possibilidade dos universais

“Os termos e os conceitos da linguagem comum e da experiência natural [são] formados em contato imediato com a realidade e representam a própria realidade”[33], assim o que a hipótese vem afirmar de que cada homem no contexto que vive, vai assumir e determinar a sua realidade, vai contra a objetividade essencial, que parte de pressupostos perenes e comuns. Deste modo a filosofia objetiva reconhece o valor dos universais no processo do conhecimento e expressão, pois eles “não são apenas entidades mentais ou estruturas lógicas, mas possuem existência seja na mente e na coisa, *Universalia sunt et in mente et in re*.”[34] E o reconhecimento dos universais é chave para desconsiderar muitas afirmações desta hipótese.

As coisas presentes no mundo visível são inúmeras, e para distinção individual que cada uma possui existe uma infinidade de conceitos, e esta diversidade é marcada por essências individuais, que ao serem aplicadas de modo objetivo a cada ente, expressa o seu sentido essencial, onde quer que esteja, ex. casa, cama, roupa, são realidades individuais que expressam uma essência comum a todos os homens (representam realidades universais).

O nominalismo que é onde cai a hipótese, fui uma corrente filosófica defendida no período da escolástica, por Guilherme de Ockhan (1280-1349), que sustentava que “a mente humana não possui a capacidade de captar a essência das coisas, sustentando que os universais (ou seja, as ideias que se abstraem da observação de seres semelhantes, ao se captar

---

[32] (Coseriu p171)
[33] Selvaggi, 154; cf. 60-75
[34] Curso de teoria do conhecimento

sua essência comum) eram apenas nomes."[35] Estas ideias que foram captadas não seriam universais, mas puro convencionalismo de nomes, assim o que cada um concebe é algo próprio e não comum a todos.[36] A Sapir-Whorf afirma que "os mundos em que diferentes sociedades vivem são mundos distintos"[37] demostra que o pensamento que é fruto da língua, que por sua vez está ligado a cultura, é algo próprio de um povo, e querer dizer em conceitos comuns é algo impossível, pois cada um segundo o seu modo de viver e também considerando o meio do qual ele está inserido é o que vai determinar a sua classificação conceitual, ou seja, para eles os mundos são distintos e o nomes são realidades convencionais, e ao querer expor universalidade se exclui o que é pessoal e particular de determinado povo.

O empirismo (segunda corrente do qual a hipótese tende) "reduz todo o conhecimento possível ao conhecimento sensível: a experiência seria o limite intransponível do conhecimento; ideia seria igual a sensação"[38], fazendo com que o homem deixe de exercer as suas potências superiores (próprio de sua alma racional), para reduzir ao sensível (características dos animais irracionais), considerando ideia como pura sensação.

E esta hipótese do relativismo linguístico reduz ao empirismo pois, "o produto (pensamento), cresce com outras palavras, com o instrumento (língua), e não pode ser mais concebível na sua gênese e na prática diária sem a fala"[39], ou seja, o modo de pensamento e de ver o mundo vem de acordo com o modo como o indivíduo vive, pois se vivem em mundos diferentes a experiência é algo individual, e as ideias bem como também o pensamento é algo subjetivo de um grupo, e para o outro entrar nesta dinâmica da visão de mundo que o outro possui é necessário experimentar o que ele experimenta, e viver como ele, pois a língua que é o modo de expressão das ideias e do pensamento é algo que "reflete o ambiente físico e social dos falantes."[40] Tudo baseia no experiencial

[35] Gandra p. 49
[36] Cf. Ibid., p. 50.
[37] Sapir 1929: 209-210, p. 169.
[38] Gandra p. 51
[39] Sapir 1921: -interpelações do autor, grifo nosso. P141
[40] Sapir 1912: 228 p. 162

pessoal, demostrando o que Locke disse no processo do conhecimento, que “a mente humana é como uma folha de papel branco, na qual vão se registrando as ideias, derivadas das sensações”.[41] Assim estas duas correntes são refutadas, quando pelo realismo moderado, se afirma que o conhecimento se dá pelo processo de abstração, sendo perene.

Contudo a análise objetiva e universal dos conceitos parte também da consideração da existência dos “Universais Linguísticos”[42], que podem ser descritos como “o conjunto de categorias, relações e valores que são comuns a todas as línguas ou a todas poderiam pertencer, encobertas por vezes por estarem subjacentes ao que superficialmente se apresenta com diversidade”[43], pelo que ao ser traduzido um termo de uma língua para outra verá a mesma identidade intrínseca, por que os significados de um para o outo serão iguais e deverão ser interpretados da mesma maneira.

Nos universais linguísticos, deve-se partir para o âmbito conceptual ou o que pode dizer como universal de possibilidade. Esta consideração universal dos conceitos, refere-se ao a todas as categorias linguísticas que existe nas línguas, seja ela documentada num único idioma ou mesmo em categorias de possibilidades na linguagem, os termos podem ser considerados universais em matéria de possibilidade, por que hoje não tendo um conceito em um língua ela carrega dentro de si a probabilidade de adaptação ao sistema linguístico, dentro de uma língua existe sempre a capacidade de vir a possuir a conceito do qual é necessário.[44] O ser humano reconhece conceitos universais, pelo sua capacidade de abstração, que é possível por ser espiritual e intelectual, e assim estes termos de valor comum são comunicados entre si para o reconhecimento do valor objetivo e perene da realidade, possibilitando no processo da transmissão dos termos, a tradução de uma língua para a outra como realidade objetiva. Assim a Sapir-Whorf fica de lado na sua visão de puro nominalismo e empirismo.

---

[41] Gandra p. 51.
[42] Cf. Verbo
[43] Verbo grifo nosso
[44] Verbo p. 1174

3.2.2.2 Objetividade do processo do conhecimento

No processo de conhecimento das essências o homem, partir do processo de abstração que é objetivo em si mesmo, pois capta à realidade como tal. O processo de abstração começa quando o homem vendo o ente real dotado de matéria e forma, o capta através dos sentidos externos com o que ele traz, ou seja, a substância e seus acidentes. Após esta percepção inicial se tem o fantasma (imagem visual que foi captada pelos sentidos) que ao passar pelos sentidos internos, é projetado uma ideia (através do intelecto agente) que se computa na mente como espiritual, e após esta projeção o intelecto passivo compreende e armazena o conceito do ente real abstraído.[45] Concluindo o processo de abstração o homem atribui significados para o que foi apreendido, de modo que se possa expressar o que o ente abstraído é em uma língua, para que no momento da comunicação ao dizer uma coisa logo se chega a ideia que deseja ser significada. Logo os nomes são comuns a todas as coisas por se tratarem de conceitos universais, o que distinguem são apenas o convencionalismo que cada língua usa na expressão, pelo de fato de que o homem em sua universalidade não possui uma língua comum a todos.

Entender o processo de abstração para o processo do conhecimento objetivo humano é necessário, para que assim se possa olhar a hipótese do ponto de vista crítico, por que a doutrina por eles sustentada cai em duas correntes filosóficas que causam desastres no campo metafísico, em relação ao conhecimento do ser, sendo elas o nominalismo e o empirismo. No pensamento de Sapir “o mundo real é, em grande medida, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo”[46], sendo esta subjetividade fator marcantes do nominalismo e do empirismo (já citados no subtítulo anterior).

---

[45] Curso de teoria do conhecimento
[46] Sapir 1929: 209-210, p. 169.

4 CONCLUSÃO

"não há nenhum aspecto da realidade e nenhum problema filosófico que não ache possível resolver abordando-o do ponto de vista da linguístico"[47]

[47] Ibid., p. 134. Mondin

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENJAMIN WHORF. Biografia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Whorf. Acesso em 02 maio 2018, 15:34:28.

CABRAL, R. **et. al.** *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Verbo, **vol. 3, 1995 e vol. 5, 1999.**

CHORÃO, João Bigotte. et. al. *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. vol. 28. São Paulo: Verbo, 2003.

COSERIU, Eugenio. *O Homem e a sua Linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

CRUZ, Estevão. *Compêndio de Filosofia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Globo, 1946.

CUNHA, Adan Phelipe. *A Emergência da Hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir (1884-1939).* Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Fides et Ratio:* Sobre as relações entre fé e razão. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

LYONS, John. *Semântica-I*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

MARTINS FILHO, I. G. *Manual Esquemático de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: LTr, 2010.

Nome, “universal”, in: Logos etc..... 1999, p. 3-5.
Autor do artigo (da “voz”), fonte ... e a página do vol. Do Dicionário.